

JANA MARCELLIOVÁ, JÚLIA ŽITNÁ

ABORDAGEM DE ALGUNS ASPECTOS DA REALIDADE PORTUGUESA ATRAVÉS DE OBRAS DE AUTORES CONTEMPORÂNEOS

Introdução

As obras literárias, para além dos seus valores estético e artístico, podem ser de grande utilidade no ensino da cultura e história portuguesa, já que maioritariamente reflectem a realidade da época em que foram escritas. Como tal, nesta ocasião concentrar-nos-emos principalmente nesta vertente da literatura, ou seja, no facto de, ao constituir uma fonte inesgotável de informações sobre a realidade do país, poder ajudar-nos a aproximar a cultura portuguesa dos alunos eslovacos. Falaremos sobre as obras já traduzidas para o eslovaco, bem como sobre as que ainda o não foram e seriam muito úteis no processo de ensino-aprendizagem. Como os estudantes dos primeiros anos ainda não são capazes de ler em português – pelo menos, é o que podemos dizer sobre os nossos estudantes na Eslováquia, que, na sua maioria, vêm para a universidade praticamente sem quaisquer conhecimentos da língua –, as obras traduzidas são a única maneira de entrarem em contacto com os autores portugueses e lusófonos. Nesta intervenção referir-nos-emos somente aos autores de prosa contemporâneos (séculos XX e XXI), cujas traduções são raríssimas na nossa língua.

Obras traduzidas

As obras de escritores portugueses contemporâneos traduzidas para o eslovaco podem ser contadas pelos dedos das mãos. Foram publicadas traduções de *O homem disfarçado*, de Fernando Namora (*Muž s maskou*, Pravda 1982, tradução: Ladislav Franek), *Uma Aventura Inquietante*, de José Rodrigues Miguéis (*Znepokojúce dobrodružstvo*, Slovenský spisovateľ 1989, tradução: Soňa Radilová), *Lisboa - Diário de Bordo* de José Cardoso Pires (*Lisabon palubný denník*, Vydavateľstvo Ivan Štefánik 2006, tradução: Jana Marcelliová) e de três livros de José Saramago: *Memorial do Convento* (*Povešť o kláštore*, Tatran 1989, tra-

dução: Miroslav Lenghardt), *Ensaio sobre a Cegueira (Mesto slepých*, Slovart 1999, tradução: Miroslava Petrovská) e *História do Cerco de Lisboa (Príbeh o obliehaní Lisabonu*, Slovart 2003, tradução: Miroslava Petrovská). A situação é ligeiramente melhor na República Checa, onde existe uma tradição mais rica na tradução de obras em língua portuguesa, patente, por exemplo, nas edições em checo de António Lobo Antunes, Sophia de Mello Breyner Andresen, José Rodrigues Miguéis, Fernando Namora, José Saramago e José Cardoso Pires, entre outros. Felizmente, o leitor eslovaco não tem problemas em compreender a língua checa e, assim sendo, podemos nas nossas aulas contar também com os textos traduzidos para o idioma dos nossos vizinhos. Apesar disso, cremos ser necessário apoiar a passagem de obras lusófonas para o eslovaco e investir energia no desenvolvimento dos estudos de tradução efectuados na Faculdade de Letras da Universidade Comenius para se assegurar no futuro uma base sólida de tradutores literários da língua portuguesa.

Embora haja imensos autores contemporâneos a merecer tradução (e cujas obras já foram, aliás, traduzidos para numerosas línguas mundiais), a ocasião não nos permite mencioná-los todos, pelo que nos concentraremos nesta alocução em apenas dois nomes —mas dois grandes nomes— da literatura portuguesa: José Rodrigues Miguéis e António Lobo Antunes.

O retrato de Portugal nos contos de José Rodrigues Miguéis

A obra de José Rodrigues Miguéis pode servir-nos como uma ponte assaz conveniente para a apresentação de alguns aspectos da realidade portuguesa aos estudantes do Português e aos leitores comuns que se interessam por Portugal — um país, que, segundo a nossa experiência quotidiana, permanece bastante desconhecido na Eslováquia.

Apesar de José Rodrigues Miguéis ser, nas palavras de Óscar Lopes, um dos maiores escritores portugueses e um dos melhores estilistas da literatura portuguesa, pertence ao número de autores algo esquecidos em Portugal. “Hoje, os seus livros quase desapareceram das estantes das livrarias e os seus nomes encontram-se entre os habitualmente designados de ‘escritores esquecidos’”¹ (faz-se referência também a José Régio e Vitorino Nemésio).

De certa maneira, esta situação deve-se ao facto de José Rodrigues Miguéis ter passado a maior parte da sua vida emigrado nos Estados Unidos, onde, diga-se de passagem, existem também mais trabalhos teóricos escritos sobre ele do que em Portugal. Todavia, nos últimos anos tem-se observado um interesse revitalizado por este escritor no seu país natal, devido ao centenário do seu nascimento comemorado em 2001.

A sua obra traduzida para o eslovaco consta de um romance e um conto. A tradução do romance *Uma Aventura Inquietante* foi publicada em 1989 sob a chan-

¹ Visão, 4 de Outubro de 2001.

cela da editora Slovenský Spisovateľ; *Léah*, do livro de contos *Leáh e Outras Histórias*; foi publicado na revista Romboid. Por um lado, é forçoso reconhecer que duas obras de Miguéis traduzidas para eslovaco não é um número tão irrisório quanto à primeira vista possa parecer, se tivermos em consideração a pobre promoção da literatura portuguesa na Eslováquia, onde, como já se referiu, são poucas as traduções de obras literárias oriundas de Portugal; por outro lado, julgando ser Miguéis um escritor capaz de “tocar” o público-leitor estrangeiro, como o eslovaco, achamos justificado pensar-se em mais traduções da sua obra.

Cada obra literária pode ser analisada, naturalmente, à luz de vários pontos de vista, mas nesta comunicação centrar-nos-emos nomeadamente, e dentro aliás do espaço delimitado pelo próprio título da intervenção, em temas que este autor abordou.

Ao que pode aludir a expressão “alguns aspectos da realidade portuguesa”? No contexto desta comunicação, está relacionada com alguns traços típicos da mentalidade portuguesa e com um fenómeno social observado em especial no século XX em Portugal – a emigração. Consideramos ser José Rodrigues Miguéis capaz de aproximar esta realidade dos leitores fora de Portugal, concretamente porque o facto de José Rodrigues Miguéis ter passado a maior parte da sua vida fora da sua pátria deixou marcas nítidas na sua obra, ao permitir-lhe adquirir uma percepção da actualidade portuguesa sob a perspectiva de um estrangeiro. Vivendo longe de Portugal, reparou nalgumas características que viria mesmo a designar de “a sensibilidade portuguesa”. “Idêntico a mim mesmo, poliédrico, se querem, aberto a todos os ventos que por mim rocem, mas apesar de tudo com este ar de família, apto a traduzir o que, a falta de melhor termo, chamamos a sensibilidade portuguesa. Esta, pelo menos, parece ser inegável.”²

Como diz Maria Saraiva de Jesus, da Universidade de Aveiro: “...mesmo fora de Portugal, JRM centrou os seus interesses na caracterização da vivência portuguesa, dentro e fora de Portugal.”³ Por outras palavras, centrou-se no que mais se distingue na mentalidade portuguesa: a saudade – uma emoção dolorosa e doce ao sentir-se falta de algo perdido, mantendo-se, porém, a esperança de vir a reencontrá-lo no futuro. A noção de saudade está notória e notavelmente presente em diversos momentos da obra de José Rodrigues Miguéis por ser uma emoção vivida pelo próprio escritor com grande intensidade. Como diz Eduardo Lorenço: “Ausente, o exilado está essencialmente na terra que deixou. Nesse sentido ninguém tem mais pátria que aquele que a perdeu e a vive como perdida.”⁴ A este respeito convém salientar contos como Saudades para Dona Genciana ou Regresso a Cúpula da Pena, ambos do livro *Léah e Outras Histórias*.

² José Rodrigues Miguéis: *A Páscoa Feliz (posfácio)*, Estúdios Cor 1958.

³ SARAIVA DE JESUS, Maria, „O Neo-realismo e a Visão de Pobreza na Obra de José Rodrigues Miguéis“ (www4.crb.ucp.pt/biblioteca/Mathesis/Mathesis11/mathesis11_217.pdf).

⁴ LORENÇO, Eduardo, *As marcas do exílio na obra de J.R.Miguéis, Gente da Terceira Classe*, Lisboa, Editorial Estampa 1983, p. 272.

A questão da emigração, que José Rodrigues Miguéis viveu, conduz-nos a um fenómeno social de Portugal no século XX que constitui hoje parte importante da história moderna do país. Se nos reportarmos apenas à segunda metade do século, só em 38 anos (desde 1950 até 1988) emigraram mais de 2,5 milhões de portugueses.⁵ Vale a pena relembrar que ainda hoje o número de emigrantes portugueses e seus descendentes é maior do que o dos portugueses vivendo em território nacional.

Embora muito da obra de José Rodrigues Miguéis esteja impregnado desse sentimento de saudade pela pátria e pelo tempo de infância, ou ainda por Lisboa, não lhe falta um humor gentil, bem visível, por exemplo, no conto *A Viagem na Minha Terra*, onde ironiza com a demora de acção e a comodidade típicas dos portugueses. Consideramos, de facto, este conto uma das mais divertidas e irónicas abordagens da mentalidade portuguesa.

Além da emigração, outro grande tema que José Rodrigues Miguéis tratou é Lisboa e os seus habitantes. Nesta área salienta-se o romance *A Escola do Paraíso*, que alguns leitores na Internet consideraram o melhor romance sobre a Lisboa do início do século XX.

Todos os traços típicos da escrita de Miguéis acima referidos se encontram no conto *Pouca Sorte com Barbeiros*, também do livro *Léah e Outras Histórias*. É o único conto desta colecção cuja acção decorre em ambas as cidades que constituíram matéria-prima para a escrita de Miguéis: Lisboa e Nova Iorque. Esta pequena história fala do azar que o protagonista tinha com barbeiros: cada um que lhe cortava os cabelos acabaria por morrer mais tarde em circunstâncias deveras estranhas. Estas tragédias ocorrem desde a primeira visita ao salão de barbeiro, quando o protagonista tinha três ou quatro anos e vivia em Lisboa, e prosseguem mesmo depois de se mudar para Nova Iorque. Todavia, estes acidentes quase absurdos mais não são do que o pano de fundo para a descrição de Lisboa e dos lisboetas. Na primeira metade do conto, situada em Lisboa, mencionam-se alguns eventos importantes da história moderna de Portugal, como, por exemplo, o Regicídio e a implantação da República. A segunda parte tem lugar em Nova Iorque e centra-se mais na situação dos imigrantes. O protagonista sente-se incapaz de inserir-se na sociedade americana e trava amizade com o seu barbeiro, um imigrante porto-riquenho. Este conto é um excelente exemplo da obra de Miguéis por conter todos os traços típicos da sua escrita quanto à localização (Lisboa, Nova Iorque), quanto aos protagonistas (lisboetas e imigrantes na grande metrópole norte-americana), quanto ao estilo (humor gentil e humano) e quanto à expressão das saudades que o escritor sentia da infância e da pátria.

José Rodrigues Miguéis morreu há quase dezasseis anos e Portugal tem passado por mudanças enormes durante as últimas décadas. A emigração já há muitos anos que deixou de ser assunto tão premente em Portugal, do mesmo modo. Lisboa mudou bastante desde a infância do escritor. Mas, ainda que emigração

⁵ BAGANHA, Maria Ioannis B., „Portuguese Emigration After World War II“ (www.mq.dukejournals.org/cgi/reprint/16/4/112.pdf).

já seja, de certo modo, vista como um fenómeno do passado (pelo menos no sentido do isolamento e da falta de contacto com a pátria), não deixou nunca de integrar a consciência nacional dos portugueses. E algo que nunca desaparecerá nem mudará é esse sentimento de saudade que os portugueses nutrem por tantos momentos das suas vidas. E é isso que a obra de José Rodrigues Miguéis continua a comunicar aos leitores sendo, nessa medida, universal e resistente à passagem do tempo.

O retrato de Portugal na obra de António Lobo Antunes

Em toda a parte do mundo a que aportamos vamos assinalando a nossa presença aventureira através de padrões manuelinos e de latas de conserva vazias, numa subtil combinação de escorbuto heróico e de folha-de-flandres ferrugenta. Sempre apoiei que se erguesse em qualquer praça adequada do país um monumento ao escarro, escarro- busto, escarro-marechal, escarro-poeta, escarro-homem de Estado, escarro equestre, algo que contribua, no futuro, para a perfeita definição do perfeito português: gabava-se de fornicar e escarrava.

Pode parecer um pouco surpreendente que esta citação venha de um dos autores que nas últimas décadas mais contribuiu para a divulgação da cultura portuguesa além das fronteiras da Península Ibérica, como é o caso de António Lobo Antunes. Como o parágrafo citado bem demonstra, este autor não adquiriu o seu lugar na cena literária portuguesa através de odes patéticas ao passado ou ao presente do seu país ou a traços nacionais. O seu pensamento literário parte doutros pontos de vista, baseados em experiências pessoais.

Como já mencionámos nas linhas dedicadas a José Rodrigues Miguéis, quem vive no estrangeiro adquire muitas vezes uma percepção diferente da sua nação, da terra donde vem. Viajando e vivendo noutras realidades dá-nos a distância de que precisamos para nos vermos melhor a nós próprios. Lobo Antunes viajou para fora do território português logo após ter acabado os estudos, e não foi por vontade própria. Como é sobejamente conhecido, passou dois anos em Angola, onde trabalhou como médico durante a Guerra Colonial. Depois do seu regresso para Portugal começou a escrever livros e não tem parado até hoje. Da sua primeria trilogia, com a qual se apresentou como romancista, foi *Os Cus de Judas* que chamou mais a atenção do público e da crítica. Este depoimento aberto e quase auto-destrutivo de um homem que acaba de regressar da guerra colonial em Angola foi traduzido para o checo (*Jidášova díra*, Mladá fronta, 2002, tradução: Lada Weissová) e pode assim mostrar aos leitores checos e eslovacos a perversidade dessa guerra absurda e o seu impacto no indivíduo que foi forçado a participar nela.

Enquanto n' *Os Cus de Judas* o autor descreve o inferno da guerra, em *Auto dos Danados* desce a um outro inferno, o das relações interpessoais. É um inferno que os protagonistas preparam um ao outro e, como o título indica, não conseguem encontrar um caminho de redenção. A euforia geral que explodiu depois

da Revolução de Cravos e do subsequente derrubamento da ditadura é, pouco depois, substituído pelo caos e por um sentimento de desilusão. Os comunistas, mais organizados do que os restantes movimentos políticos, tentam aproveitar a situação, porque vêem nela uma oportunidade para chegarem ao poder. A par da inquietação que envolve todas as camadas da sociedade, decorre a história de uma família burguesa que encara uma irreversível decadência social e financeira e que, ao confrontá-la, acaba por claramente demonstrar a sua própria decadência moral. Para além de captar um episódio da história do seu país (tornado ainda mais interessante pela comparação com o nosso contexto histórico, devido à era de domínio comunista que vivemos durante mais de 40 anos), apresenta-nos ao mesmo tempo algo quase universal: os recantos sombrios, suprimidos, mas sempre presentes, da natureza humana. Sendo uma reflexão social, este romance é também, sem uma sombra de dúvida, uma obra interessante do ponto de vista artístico e literário. Lobo Antunes desenvolve nas suas páginas os seus processos narrativos experimentais, trabalha livremente com as regras sintácticas, entrelaça o discurso directo com o indirecto, monólogos interiores com o discurso das personagens, passado com futuro, realidade com fantasia. Com a gradação da acção, a narrativa transforma-se no registo de um turbilhão de pensamentos e acontecimentos, presentes e passados, reais e alucinados.

Dos 19 romances que até agora surgiram da pena de Lobo Antunes, são estas as obras que já foram traduzidas para o checo e o eslovaco. Há, evidentemente, muitas outras que podiam ser traduzidas, visto que, para além de apresentarem e representarem um estilo único e qualidades literárias incontestáveis, são um guia interessante da sociedade portuguesa e dos acontecimentos históricos que influenciaram as personagens e a vida social do país. Podem, por isso, constituir, no mínimo, material informativo para os alunos de língua e cultura portuguesas.

Mencionemos ainda *As Naus*, que desmistifica a era dourada dos Descobrimientos e destroniza os grandes heróis da história portuguesa, devolvendo-lhes a forma de mortais, com todos os defeitos e erros humanos, *O Manual dos Inquisidores*, que regressa aos anos da ditadura salazarista, ou o seu último romance, *O Meu Nome É Legião*, que conta a história de um grupo de jovens delinquentes dos subúrbios lisboetas.

Na sua obra Lobo Antunes retrata de uma forma crítica os acontecimentos do seu país, mas ao mesmo tempo faz-nos ver que, apesar das referências ao passado e ao presente português, os seus livros não se limitam ao tempo, nem à localidade a que, à partida, se reportam: sentimos que Lobo Antunes fala também para nós ou até de nós.

Conclusão

Como se disse, no nosso país os estudantes de Português entram para a universidade na maioria de casos sem qualquer conhecimento da língua, pelo que a tradução de obras literárias para a sua língua-materna representa uma ferramen-

ta muito importante para a aquisição de informações sobre a realidade do país cujo idioma estudam. Tendo ao seu dispor um número reduzidíssimo de obras vertidas para o eslovaco, tão necessárias nos primeiros anos do curso, é premente promover a área da tradução e proporcionar aos estudantes —e, no fundo, aos leitores em geral— maiores oportunidades de adquirirem conhecimentos sobre realidades socioculturais que, inicialmente, lhes serão algo distantes, mas de que deverão “aproximar-se” para valorizarem os conhecimentos. Para além dos dois grandes nomes mencionados nesta intervenção, há dezenas de autores contemporâneos cujas obras enriqueceriam os alunos dos estudos lusitanísticos, bem como a população eslovaca em geral (Lídia Jorge, João de Melo, Agustina Bessa-Luís, Luisa Costa Gomes ou Clara Pinto Correia são apenas alguns nomes, aqui citados pela diversidade da sua produção literária).

A mesma insuficiência que testemunhamos no ramo de obras literárias traduzidas, verifica-se nas que abordam a literatura portuguesa numa perspectiva teórica. Até agora apenas foi traduzida a *História da Literatura Portuguesa* escrita por António José Saraiva e Óscar Lopes, que não inclui os autores contemporâneos. Se quisermos oferecer um ensino de língua de qualidade e, ao mesmo tempo, contribuir para a divulgação da literatura portuguesa no nosso país, será preciso —e urgente— começarmos a preencher esta lacuna.

